

## Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares<sup>1</sup>

Massimo DI FELICE<sup>2</sup>

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

### RESUMO

As culturas ecológicas contemporâneas, as práticas de sustentabilidade, os movimentos de ativismo digital que marcaram a primavera árabe e os protestos continuados em todas as latitudes através de formas de conflitualidade realizadas mediante as interações com *social networks*, são as expressões de um novo tipo de ação social, não mais direcionada ao externo, nem apenas resultante de práticas provocadas por um condicionamento informativo ou técnico. Este trabalho tem por objetivo discutir esse novo tipo de ação, indicado aqui por “net-ativismo”, o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia entre atores de diversas naturezas - pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas.

### PALAVRAS-CHAVE

net-ativismo, redes digitais, ação social, atopia

## 1. INTRODUÇÃO

Numa nota à dição de *Pleiade*, o escritor romântico Frances Berbey d’Aurevilly narra a seguinte lenda:

O imperador Carlos Magno, já em avançada idade, apaixonou-se por uma donzela alemã. Os barões da corte andavam muito preocupados vendo que o soberano, entregue a uma paixão amorosa que o fazia esquecer de sua dignidade real, negligenciava os deveres do Império. Quando a jovem morreu subitamente, os dignitários respiraram aliviados, mas por pouco tempo, pois o amor de Carlos Magno não morreu com ela. O imperador mandou embalsamar o cadáver e transportá-lo para sua câmara recusando separar-se dele. O arcebispo Turpino, apavorado com essa paixão macabra, suspeitou que havia ali um sortilégio e quis examinar o cadáver. Oculto sob a língua da morta, encontrou um anel com uma pedra preciosa. A partir do momento em que o anel passou às mãos de Turpino, Carlos Magno apressou-se em mandar sepultar o cadáver e transferiu seu amor para a pessoa do arcebispo. Turpino, para fugir àquela embaraçosa situação, atirou o anel no lago de Costança. Carlos Magno apaixonou-se então pelo lago e nunca mais quis se afastar de suas margens. (CALVINO, 1996, p. 78)

Comentando o conto de Berbey d’Aurevilly, I. Calvino afirma que o verdadeiro protagonista do conto é o próprio anel mágico, uma vez que seria a partir dele que se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Cibercultura, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Doutor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, email: massimo@usp.br

desenvolvem os diversos acontecimentos. Contrariamente a essa interpretação é possível, também, descrever o conjunto de interações que se desenvolvem no conto como a expressão de um emaranhado reticular que, em lugar de um cenário dividido entre personagens: atores protagonistas e atores coadjuvantes, contextos e situações, nos apresenta a complexidade de uma arquitetura reticular e interdependente, na qual cada ator (o anel mágico, a donzela alemã, o arcebispo Turpino, Carlos Magno, o lago e suas margens) é levado a agir por outros. O próprio anel mágico adquiriu tal propriedade após um sortilégio que alguém, provavelmente uma bruxa, aplicou nele, assim como o próprio Carlos Magno passou a alterar seus atos depois do desenvolvimento de seus sentimentos, despertados e continuamente modificados pelos sortilégios feitos por alguém através do anel mágico.

As redes de ação e de atores passam a se cruzarem na narrativa desenvolvendo tal nível de complexidade de relações que resulta, conseqüentemente, improvável pensar a um único ator como o promotor principal das ações sucessivas, nem a uma origem específica da ação. Essa possível interpretação das qualidades reticulares das interações que se desenvolvem nesse breve conto resulta uma contribuição fértil para pensar as qualidades da complexidade das ações que desenvolvemos cotidianamente nas redes digitais, conectados a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas por suas vezes também conectadas a dispositivos, circuitos elétricos, bancos de dados e às demais pessoas.

Neste complexo e interdependente âmbito ecossistêmico-informativo digital cotidiano, em lugar de tentar desvendar atores protagonistas e construir hierarquias para interpretar a origem da ação, provavelmente pode nos resultar útil mudar de atitude e direcionar a nossa atenção para além da busca da ordem e dos princípios geradores e abrimo-nos ao questionamento sobre a qualidade e os possíveis significados da transformação da ação no âmbito reticular.

## **2. SOBRE A CRISE DA AÇÃO**

“A ação é algo impossível”, sentenciava Zenão, expondo uns dos seus mais famosos paradoxos.

A dificuldade em pensar a ação e em refletir sobre seus significados marca, como uma constante, as perspectivas teóricas do pensamento ocidental.

A relação entre ação e conhecimento possui inúmeros e importantes momentos. Desde a oposição entre Heráclito e Platão, concentrada sobre duas diversas concepções a

respeito da relação entre o movimento, o devir e o conhecimento, até os estudos de Galileu sobre a movimentação dos astros e das “*partes do céu nunca mais revistas*”, esta temática se estendeu nos experimentos de Morley sobre a velocidade da ação de caída dos corpos em diversas direções, cujo resultado inspirou o desenvolvimento da teoria da relatividade de Einstein. No âmbito das ciências sociais e humanas, em diversos momentos e contextos, diferentes autores apresentaram argumentações e explicações sobre a ação a partir da perspectiva de sua própria crise. Uma crise que abrangeria tanto o significado de sua dimensão teleológica e racional (M. Weber), como aquele de sua forma comunicativa-política realizada pelas interações dos sujeitos-cidadãos racionais (Habermas), como também o das dimensões de seu formato estrutural e sistêmico (T. Parsons, R. K. Merton).

Esta perspectiva crítica sobre a ação e seus significados sociais, difundiu-se na nossa época através de diversos autores, significados e contribuições úteis para pensar a qualidade das ações em contextos reticulares. Podemos ordenar, sinteticamente, as posições heterogêneas em volta de três significados principais de crise: a crise da ação sedutora, a crise da ação artística e a crise da ação política.

O significado da crise da ação sedutora encontra, entre outros, a importante contribuição de J. Baudrillard, segundo o qual o excesso de informações veiculadas pelo conjunto de *media* na sociedade seria responsável pela transformação da sociedade da informação em uma sociedade “afásica”, na qual comunicar se tornaria impossível. Para o sociólogo francês, tal contexto traria consigo a impossibilidade da ação sedutora e a sua substituição pelo ato estuprador. Como afirma pela primeira vez em *O Sistema dos Objetos*, as próprias imagens publicitárias, portadoras e símbolos da cultura midiática da sedução, não conseguiriam mais enganar e seduzir, enquanto manifestação de estéticas que não reproduzem mais o mundo, mas que o recriam e o reinventam. Tal condição constitui-se como uma peculiaridade do nosso tempo e estende-se, portanto, a todo o social, que passa a ser substituído pela sua simulação através da multiplicação dos signos “que se trocam entre si sem mais trocarem algo de real” (BAUDRILLARD, 2003, p. 23). Eis que à lógica da ação sedutora, que comportava a possibilidade de uma resposta, substitui-se aquela, sem movimento nem interação, do estupro.

Ao lado da histórica concepção da transformação da arte adquirida pelo advento das imagens fotográficas e pela sua capacidade técnica de reprodução infinita, responsável pela perda do “*hic et nunc*” e pela retirada da aura da obra de arte, como analisado por W. Benjamin, devemos a U. Eco uma importante explicação do significado da crise da ação

artística. Como analisado no seu célebre texto *A obra aberta*, a sociedade de massa estaria interessada por uma importante transformação da qualidade da ação artística caracterizada pela recusa do papel didático do autor e pela escolha programática da ambiguidade como princípio da poética. A partir desta ótica, as experiências estéticas e da arte moderna – e um pouco de todas as vanguardas artísticas do século XX – serão marcadas pela difusão de um papel ativo do leitor e do público, que passam a ser chamados a desenvolver um papel ativo na decifração do texto ou da obra. Assim sendo a obra, incompleta e disponível a infinitas interpretações, toda a sua fruição tornar-se-á uma coprodução, uma ação colaborativa entre o autor e o fruidor.

A poética da obra aberta tende, como disse Pouseur, a promover no intérprete atos de liberdade consciente, a colocá-lo como centro ativo de uma rede de relações inexauríveis, entre as quais ele instaura a própria forma, sem ser determinado por uma necessidade que lhe prescreve os modos definitivos de organização da obra fruída (...). Obra aberta como proposta de um campo de possibilidades interpretativas, como configuração de estímulos dotados de uma substancial indeterminação, assim que o fruidor seja induzido a uma série de leituras sempre variáveis; estrutura, enfim, como constelação de elementos que se presta, a diversas relações recíprocas (...).

As formas plásticas de um Gabo ou de um Lippold convidam o fruidor a uma intervenção ativa, a uma decisão motora, em favor de uma poliedricidade do dado de partida. A forma em si definida é construída de modo a resultar ambígua e visível de perspectivas diversas e de modo diverso. Como o fruidor circunavega as formas, essas lhe parecem várias formas. É quanto já tinha parcialmente acontecido com o edifício barroco e com o abandono de uma perspectiva frontal privilegiada (ECO, 1962, p. 74).

O significado da crise da ação política no interior do pensamento europeu é abordado ainda, entre outros autores, por J. Baudrillard, ao comentar a dimensão não política dos atentados terroristas, caracterizada pelo desaparecimento da estratégia da ação militar. A diferença desta última, a ação terrorista não possuía mais no seu objetivo a conquista territorial, própria das ações guerrilheiras, mas, ao contrário, encontrava sua forma maior na sua dimensão mediático-imagética, aspecto, este, evidente, seja na repercussão mediática do atentado, quanto nas imagens imediatamente antecedentes à ação terrorista que os militantes mártires, fortemente armados, costumavam gravar em vídeo, ao lado de uma cópia do Alcorão, declarando seu martírio e suas próximas ações: “Real e ficção são inextrincáveis, e o fascínio do atentado é em primeiro lugar o da imagem”... – tal tipo de guerra manifestava-se, portanto, - “como prolongamento da ausência da política por outros meios” (BAUDRILLARD, 2002, p. 76).

Numa prospectiva próxima e em época mais recente, o filósofo Mario Perniola, em seu texto *Miracoli e Traumi della Comunicazione* (2009), teoriza a substituição do regime historiográfico pelo regime comunicativo, no interior do qual o acontecimento político e a ação seriam substituídos pela sua simulação<sup>3</sup>.

Para ambos os autores, o agir aconteceria além da vontade do sujeito, fora do seu controle e de tal forma que ele mesmo se tornaria o objeto de uma ação externa que o levaria à ilusão do ato perante o qual, de fato, o ator não teria mais nenhum tipo de poder.

Além da análise oferecida por G. Vattimo (1989) sobre o significado da crise política gerada pelo declínio de concepção unitária da história será M. Maffesoli a apresentar um original significado da crise da ação política no Ocidente, entendendo-a como a expressão de uma crise qualitativa da sua cultura prometêica e como a consequência do declínio do seu mito do progresso:

à l'opposé du progressisme, la spécificité du progressif. Celui-là met l'accent sur le pouvoir du faire, sur l'action brutale et le développement sans frein des forces prométhéennes. Celui-ci, au contraire, s'attache à mouvoir de l'intérieur, à mettre en ouvre une puissance naturelle. Encore Prométhée et Dionysos" (MAFFESOLI, 2010, p. 16).

### 3. ECOLOGIA DA AÇÃO

Os diversos significados de crise atribuídos à ação, no interior do pensamento ocidental, abriram espaço, em época mais recente, para a necessidade de pensar a dimensão não mais sujeito-cêntrica do agir, entendendo os significados do agir numa perspectiva ecológica e intransitiva que tornaria insensata a sua extensão em direção ao externo. A crise da externalidade e, conseqüentemente, do desfecho da dimensão transitiva da ação é abordada por M. Perniola na sua obra *Transiti*, como uma transformação qualitativa da nossa contemporaneidade:

Nem em casa, nem fora, nem ida, nem volta, nem pátria, nem exílio, nem tradição, nem inovação, nem passado, nem futuro, mas transição, translação, tradução, transmissão, trânsito, no espaço, no tempo, na psique, na linguagem, na sexualidade, na sociedade (...). Em cada lugar está tudo o que deveria estar, porque existe a coisa mais importante: o presente. Assim não alcançamos a imobilidade, mas, às vezes, a temporalidade do espaço, a sua dimensão efetiva, histórica. (PERNIOLA, 1985, p. 86).

---

<sup>3</sup> Para Perniola, os principais acontecimentos históricos pós-segunda guerra parecem ser mais milagres do que resultados de reais transformações: “os poucos a sociedade ocidental passa a ser tomada por uma mentalidade milagreira, cuja difusão recebe uma contribuição fundamental dada pelo desenvolvimento de uma tecnociência. (...) A verdade efetiva das coisas é submersa e desaparece embaixo de uma quantidade enorme de palavras e de imagens transmitidas para o mundo inteiro”. (PERNIOLA, 2009, p.10).

Mas será, sobretudo, M. Maffesoli que, continuando a sua argumentação sobre a passagem do “*progressisme*” para a “*specificité du progressif*”, abordará a crise da ação transitiva do homem sobre o mundo ao falar da passagem da ordem simbólica para a ordem “*emotionele*” e introduzindo a ideia de “*invagination*”:

Non plus l’homme séparant, découpant la réalité pour s’en rendre maître et possesseur, mais un être humain qui, en son entièreté, retrouve la specificité et l’aspect fécondant de la matrice. Être originaire ne cherchant plus, par la représentation, à faire rendre raison (et rendre gorge) à la nature mais laissant celle-ci se présenter. Glissement de la représentation vers la présentation du monde” (MAFFESOLI, 2010, p. 51).

Esta passagem do progresso para o “*ingresso*” (*invagination*), sublinhada por Maffesoli, nos remete à “ecologia da ação”, usada por E. Morin para descrever a incerteza da natureza da ação, sua complexidade, assim como a sua vocação aleatória:

O campo da ação é muito aleatório e muito incerto. Ele nos impõe uma consciência bastante agida dos acasos, derivas, bifurcações, e nos impõe a reflexão sobre sua própria complexidade. Aqui intervém a noção de ecologia da ação. Desde o momento em que um indivíduo empreende uma ação, qualquer que seja ela, esta começa a escapar de suas intenções. Ela entra num universo de interações e finalmente o meio-ambiente apossa-se dela num sentido que pode se tornar contrário ao da intenção inicial. (...) A ação supõe a complexidade, isto é, acaso, imprevisto, iniciativa, decisão, consciência das derivas e transformações. (MORIN, 2011, pp. 80-81)

O caráter ecológico da ação e sua complexidade nos leva, portanto, a pensar a ação tanto além da sua dimensão racional, subjetiva, teleológica e política (M. Weber, J. Habermas), quanto da perspectiva estruturalista (T. Parson, R.K. Merton), abrindo a nossa interpretação em direção de uma perspectiva plural e colaborativa na qual os actantes humanos e os actantes não humanos<sup>4</sup> passam a expressar sua própria condição habitativa através do desfecho do seu co-agir. Abre-se assim, a possibilidade de pensar ao caráter comunicativo da ação, por mim analisado através do conceito de *atopia*<sup>5</sup> que descrevia a perspectiva ecossistêmica de uma interação fértil entre pessoas, tecnologias e territorialidades:

---

<sup>4</sup> Termo oriundo da semiótica introduzido por Greimas (1966), adotado por Bruno Latour em sua Teoria do Ator-Rede, designativo de uma agencialidade dos não humanos, *actante* é tudo aquilo que deixa rastro. Esse conceito teórico e operatório introduzido por Greimas no domínio da narratologia trata-se de “uma reinterpretação linguística da *dramatis personae*, reinterpretação essa baseada na sintaxe estrutural de L. Tesnière. Para Tesnière “os actantes são os seres ou as coisas que de algum modo, mesmo a título de simples figurantes e da forma mais passiva, participam do processo” (Tesnière, 1965, p. 102). (...) O *actante* pode objetivar-se, ao nível da manifestação discursiva, por uma série de entidades suscetíveis de individuação, os atores (v.) – seres humanos, animais, objetos, conceitos, valores morais” (Reis e Lopes, 1988, p. 145)

<sup>5</sup> Palavra que deriva da expressão *a-topos* cuja tradução remete a algo fora do lugar, de difícil explicação e colocação.

L'atopie n'est pas un nouveau type d'espace ni un territoire simulacre. Elle est plus que cela: en effet, elle pourrait être définie comme une post-territorialité dans le sens où elle va au-delà des formes physiques de l'espace, les remplaçant par une forme informative digitale et transorganique (...) L'habiter atopique se fait par l'hybridation – à la fois transitoire et fluide – des corps, des Technologies et des paysages; comme l'avènement d'une nouvelle typologie d'écosystème qui n'est ni organique, ni inorganique, ni extatique, ni délimitable mais informative et immatérielle. (DI FELICE, 2010, p. 34)

#### 4. A AÇÃO SÓCIO-TECNICA

As perspectivas da biotecnologia, as práticas dos esportes radicais, as várias formas de ações hackers, a cultura dos *social games* e as diversas formas de net-ativismo<sup>6</sup> são expressões de um tipo particular de ação que se realiza apenas através da interação fértil entre o humano e a técnica:

les artefacts des biotechnologies, releve, elle aussi de la technologie, parce que la génétique est aujourd'hui indissociable d'instruments électroniques et informatiques, d'instruments de haute technologie (...) La plupart des techniques sportives sont aujourd'hui technologiquement assistées, que ce soit par l'enregistrement vidéo, la technologie des matériaux, etc.(...) Technique e technologie ne s'opposent donc en rien, elles se fondent l'une en l'autre, exactement comme le geste et les artefacts humains.(...) D'autant plus que la ligne de démarcation entre corps et technique n'est elle-même pas nette" (PUECH, 2008, pp. 24-25.).

Nesta perspectiva a ação sócio-técnica pode ser definida como uma ação transorgânica que decorre das condições de hibridação entre orgânico e inorgânico. Perniola oferece-nos um exemplo esclarecedor a respeito, ao descrever as formas estéticas das *sonoridades hardcore*<sup>7</sup>, que não consistem, à diferença do rock progressivo, na exibição de particulares qualidades tecno-instrumentais ou estético-transgressivas,

mas no fato de que tanto a voz humana quanto os sons dos instrumentos só são desfrutáveis por meio de uma distorção, de um filtro, de uma montagem, que os torna artificiais, mas não mecânicos: eles são de algum modo uniformizados numa sensibilidade neutra que, justamente porque escapa do prazer e da dor, não conhece repouso nem catarse. (PERNIOLA, 2005, p. 83)

---

<sup>6</sup> Referimos a expressão net-ativismo àquela do cyber ativismo enquanto esta última remete tradicionalmente a uma ação que aconteceria no cyber espaço, isto é, na esfera virtual. A observação do ativismo, divulgada em diversos contextos geográficos e políticos, mostra claramente como não é mais possível a representação de uma distinção entre cyber espaço e mundo real, entre mundo virtual e arquiteturas materiais. Como é possível observar em todas estas práticas de ativismo, a ação surge na rede e espalha-se nas geografias materiais mantendo uma contínua interação e ligação e estabelecendo as formas de uma geografia informativa que, em outros contextos, eu defini "atópica".

<sup>7</sup> Gênero de rock surgido no final dos anos 70 na segunda onda do punk denominada "punk hard core".

A análise de Perniola evoca a emergência de um novo tipo de interação e de uma nova condição habitativa<sup>8</sup> que não pode mais ser lida em termos opositivos homem/técnica, como é comum no pensamento social e na tradição filosófica ocidentais:

Assim a manifestação eletrônica da voz humana evoca penetrações infinitas que se enterram além da boca e da garganta em profundidades que não são mais de carne: é como se justamente dessas invasões em canais que se parecem mais a tubos de órgão do que a condutos biológicos proviesse um canto inerente às coisas. (PERNIOLA, 2005, p. 83)

Esta concepção de um tipo de ação extra-humana, sinérgica e transformadora, é compartilhada, também, por um conjunto de diversos autores. Além da abordagem filosófica tradicional que pensa a técnica e os objetos “*techniques*” (M. Heidegger, Simondon G., A. Leroi-Gourhan) desenvolvem-se no século XX, em diversos âmbitos, um conjunto de estudos que procuram descrever a interação sócio-técnica. Entre estes, destacamos a obra de J. Meyrowitz que põe particular ênfase no caráter tecno-informativo da situação social que, na sua visão, passa a assumir formas diferentes com a intervenção da eletricidade e dos meios de comunicação eletrônicos. Este aspecto seria responsável pelo advento de uma “*situação social tecnológica*” (MEYROWITZ, 1985, p. 65) que oferece ao agir uma dimensão tecno-comunicativa<sup>9</sup> enquanto consequência da ação de fluxos informativos e de interações tecno-humanas. No âmbito dos estudos dos processos comunicativos, a análise da ação sócio-técnica está ligada aos estudos das práticas de interações entre homem e media e, em particular, nas formas de sinergias colaborativas que algumas tecnologias produzem e proporcionam. Entre estas, destacamos a definição de *interfaces* de M. Heim, segundo o qual a interface

indica, de um lado, os periféricos de um computador e telas dos monitores; de outro, indica a atividade humana conectada aos dados através da tela. A interface é uma membrana, uma pele que junta dois corpos e que sobrepõe dois circuitos” (HEIM, 1993, p. 67).

O conjunto de tais interpretações podem nos ajudar a pensar a complexidade e os possíveis significados dos heterogêneos conjuntos de ações net-ativistas e das difusas práticas de cidadanias que utilizam as redes sociais digitais pelo desfecho de suas ações. Trata-se, de fato, não apenas de um uso das redes, isto é, de uma estratégia político-

---

<sup>8</sup> Refiro-me ao conceito de habitar como prática comunicativa, desenvolvido no meu livro **Paesaggi post urbani, la fine dell'esperienza urbana e le forme comunicative dell'abitare**, 2010, Milano, ed Bevivino.

<sup>9</sup> É evidente como este tipo de ação nada tem a ver com a ação comunicativa habermassiana que acontece apenas entre humanos.



instrumental de expansão de ações e práticas que encontrariam nas redes digitais sua própria amplificação<sup>10</sup>, como em mais contextos abordados por M. Castells, mas do surgimento de um novo tipo de interação que, além de conjugar as dimensões técnica e humana de forma simbiótica, amplia o próprio conceito de social, estendendo-o a uma dimensão ecológica e não mais antropocêntrica.

Dessa maneira, a ação sócio-técnica nos obriga repensar a própria composição do social além da natureza das ações que nele se desenvolvem. Estaríamos, portanto, diante de uma perspectiva que descreve a ação não como a dimensão político-racional do agir do sujeito, nem apenas como o resultado do diálogo fértil entre sujeito e técnica, mas como a consequência das interações reticulares e ecossistêmicas que reúnem os diversos actantes numa específica condição habitativa.

## 5. A AÇÃO RETICULAR

As culturas ecológicas contemporâneas, as práticas de sustentabilidade, os movimentos de ativismo digital que marcaram a primavera árabe e os protestos continuados em todas as latitudes através de formas de conflitualidade realizadas mediante as interações com *social networks*, são as expressões de um novo tipo de ação social, não mais direcionada ao externo, nem apenas resultante de práticas provocadas por um condicionamento informativo ou técnico. Trata-se de um conjunto de ações que não acontecem mais simplesmente no interior das molduras políticas, assim como conjugadas pela tradição europeia-ocidental, isto é, ligadas à determinação única do sujeito-ator, conceitualmente orientado, mas que se delineiam como o resultado de co-ações e de interações entre diversos “actantes”, apresentando-se, portanto, como a expressão de uma nova cultura habitativa que se exprime por formas complexas de interdependências.

O net-ativismo e o conjunto de ações colaborativas que resultam da sinergia de atores de diversas naturezas, pessoas, circuitos informativos, dispositivos, redes sociais digitais, territorialidades informativas, apresenta-se, segundo esta perspectiva, como a constituição de um novo tipo de ecologia (*eko-logos*) não mais opositiva e separatista, na qual uma dimensão ecossistêmica reúne seus diversos membros em um novo tipo de social, não apenas limitado ao âmbito humano dos “socius”, mas expandido às demais entidades técnicas, informativas, territoriais, de forma reticular e conectiva.

---

<sup>10</sup> Está é a posição de M. Castell em *Communication Power*, 2009 Oxford University Press

Delineiam-se, assim, as características de um tipo de ação não mais realizada por um único sujeito, nem linearmente direcionada a uma finalidade pré-determinada, mas reticular, enquanto desenvolvida no interior de um ecossistema<sup>11</sup> complexo através da colaboração de diversos actantes (circuitos informativos, interfaces, mídias, corpos, paisagens etc.). A sinergia dos conjuntos de actantes passa a modificar o desfecho de uma ação através de suas interações na medida em que se conectem e co-agem. Consequentemente mais que expressar uma forma sistêmica, as formas de net-atavismo e a ação reticular apresentam-se como a expressão de um novo tipo de *ecossistema atópico*, onde os elementos humanos, tecnológico-informativos e ambientais interagem, constituindo uma hipercomplexidade<sup>12</sup> sinérgica e reticular. Surge a necessidade de pensar um novo tipo de ação, biótica, técnica e informativa ao mesmo tempo, e um novo tipo de meio-ambiente, interativo e dinâmico, que é possível habitar somente através de interações tecno-humanas, reticulares e colaborativas. Mais do que uma transformação comunicativa, a forma reticular, portanto, apresenta-se como uma nova ecologia<sup>13</sup>.

Diante da qualidade de tal alteração da condição habitativa, sua compreensão necessita de um novo léxico. Nesta direção vai a contribuição da Teoria do Ator Rede (ANT) proposta por Bruno Latour e seus colegas Michel Callon e John Law, cuja ambição é aquela de estudar o social não mais a partir do conforto dos conceitos teóricos desenvolvidos pelas ciências sociais, mas através da observação dos tipos de agregações reticulares que surgem em volta de controvérsias. Inspirados na micro-sociologia de Gabriel Tarde, os criadores de tal abordagem defendem a ideia de que o social não seria mais uma totalidade, feita de estruturas, instituições e grupos, mas um resultado do contínuo devir de processos de conexões. Daqui a necessidade de passar do estudo do social para o estudo dos coletivos e, consequentemente, da sociologia para as ciências das *associações*:

outra noção de social tem que ser descoberta: bem mais ampla do que a usualmente chamada por esse nome e, ao mesmo tempo, estritamente limitada à busca de novas associações e ao esboço de seus agregados. Este é o motivo pelo

---

<sup>11</sup> O conceito de Ecossistema assim como elaborado por Tansley mostra o aumento da complexidade da percepção a respeito das interações entre as espécies e seu meio ambiente físico-químico: “O nosso preconceito humano natural força-nos a considerar os organismos como as partes mais importantes destes sistemas, mas certamente os fatores inorgânicos também fazem parte – não poderia haver sistema sem eles, e há um constante intercâmbio dos mais variados tipos em cada sistema, não só entre os organismos, mas entre o orgânico e o inorgânico. Estes ecossistemas, tal como lhe podemos chamar, são dos mais variados tipos e dimensões.” (TANSLEY, 1935 em LEVEQUE C., 2001, p. 35),

<sup>12</sup> Faz-se referência aqui ao conceito desenvolvido por E. Morin na obra *Introdução ao pensamento complexo* (2011).

<sup>13</sup> A utilização do termo ecologia aqui remete ao seu sentido etimológico (eco-logos, *discurso sobre o meio-ambiente*).

qual definirei o social, não como um domínio especial, uma esfera exclusiva ou um objeto particular, mas apenas como um movimento peculiar de reassociações e reagregações. (LATOURET, 2012, p. 25)

Nesta dimensão, a ação deve ser pensada como o resultado do conjunto de ações construída de forma colaborativa com os demais actantes, humanos e não, no interior das dinâmicas associativas reticulares:

Um ator é definido pelos efeitos de suas ações, de modo que o que não deixa traço não pode ser considerado ator. Ou seja, somente podem ser considerados atores aqueles elementos que produzem efeitos na rede, que a modificam e são modificados por ela e são estes elementos que devem fazer parte de sua descrição. Porém não há como anteciparmos que atores produzirão efeitos na rede, que atores farão diferença, senão acompanhando seus movimentos. (LATOURET, 2012, p. 35)

O caráter emergente das arquiteturas interativas reticulares coloca o actante em uma dimensão na qual a externalidade e a linearidade perspectivada tornam-se impossíveis e as estas, de fato, substituem-se as interações não mais como um conjunto de ações, mas de “atos”.

Com o advento das redes interativas digitais assistimos ao comparecimento de um inédito tipo de ação, que pode ser pensado como um particular tipo de “ato”, realizado tecnologicamente, desenvolvido em interações reticulares com dispositivos e circuitos informativos, capaz de estabelecer uma nova forma de contratualidade<sup>14</sup> não mais apenas social e antropomórfica, no sentido histórico e sociológico, isto é, sujeito-cêntrica e devastadora, mas resultante de dinâmicas plurais e colaborativas.

A dimensão reticular do agir deve ser, portanto, pensada não a partir do conceito de ação que remete a um agir dinâmico e transitivo, mas a partir do ato, isto é, da forma imprevisível e intensa que se desenvolve em seguida das conexões. A etimologia grega da palavra *αἶων* remete a um duplice significado: o primeiro faz referência ao “ato”, de breve duração; o segundo indica a medula espinhal, enquanto morada da vida e origem da fertilidade. A substituição da ação pelo ato nos permite pensar o net-ativismo não apenas como uma ação política, mas como um ato vital do ecossistema social que se exprime e advém através de suas conexões ecossistêmicas.

A dimensão ecológica do ato conectivo nos direciona, portanto, para o advento de um agir reticular emergente que exprime sua qualidade principal no seu dinamismo interativo e, portanto, não na sua essência, nem em sua finalidade, mas na sua emergência

---

<sup>14</sup> Ver a respeito no texto de M. Serres *Le contrat Naturel*, éditions François Bourin, 1990.

conectiva e mutante. O ativismo digital e as formas de participação conectivas surgidas nas redes, embora em diversos casos expressem objetivos e dinâmicas precisos, não somente não estão relacionadas com identidades e objetivos políticos, enquanto estranhas à disputa do poder<sup>15</sup>, mas manifestam o advento de um processo de transformação da condição habitativa que vê a passagem das formas de social sedentárias, geográficas, institucionais e políticas para as formas tecno-diaspóricas<sup>16</sup>, expressões de um novo tipo de ecossistema. Neste último, todos os membros componentes (humanos, dispositivos, circuitos, meio-ambiente, matérias primas etc.), enquanto possíveis actantes são, no decorrer do desfecho de conexões, induzidos a sair da própria condição e do próprio nível de equilíbrio para adquirir sua própria alteração através do diálogo e da contaminação<sup>17</sup>.

Nesta perspectiva, *o ato conectivo*<sup>18</sup> torna necessário o repensamento da dimensão do humano. Michel Maffesoli propõe, a respeito, a análise da etimologia do termo cuja raiz latina coincide com a de “*humus*” (MAFFESOLI, 2013), isto é, com a fertilidade e a fecundidade. Podemos, conseqüentemente, argumentar de que o ato fértil e o ato conectivo coincidem com um novo significado de humano, não mais autopoietico e auto-centrado mas com uma condição dinâmica que constrói processos de humanização<sup>19</sup> através de dispositivos<sup>20</sup>. Esta perspectiva relacional e não essencialista do humano e do agir reticular, fornecem ao ato uma dimensão profunda cuja interpretação nos leva à assunção de uma perspectiva ecológica. Isto é, a adoção de um ponto de vista sobre o mundo e a realidade que não é apenas o ponto de vista humano.

---

<sup>15</sup> O centro de pesquisa Atopos vem desenvolvendo uma pesquisa comparativa em quatro países, com o apoio da Fapesp, cujo resultado parcial revela claramente a dimensão política de todos os movimentos e práticas que na quase totalidade dos casos colocam-se distante de todas as instituições políticas tradicionais e da disputa pelo poder.

<sup>16</sup> Derivação de uma “e-diaspora” de uma “migração conectada” expressão da socióloga franco-romena Dana Diminescu (2010), reelaborada como um conceito ecossistêmico e ecológico tecno-informativo desenvolvido na tese de doutorado “O local digital das culturas: as interações entre culturas, mídias digitais e territórios” de Eliete Pereira.

<sup>17</sup> Uma importante contribuição a respeito é o livro de M. Maffesoli *Du nomadisme. Vagabondages initiatiques*, Librairie Generale Française, 1997.

<sup>18</sup> Di Felice M., *O ato conectivo*, S. Paulo, Ed Annablume, 2013 (no prelo)

<sup>19</sup> Estamos atribuindo ao processo de humanização um significado diverso daquele oferecido pela tradição humanista ocidental. Se nesta última, existe uma “essência” do humano separada da técnica e do meio ambiente e que atribui, conseqüentemente, às suas transformações uma origem autônoma, ao contrário na perspectiva da qual compartilhamos e que próxima da concepção biológica, tudo que é humano remete às interações, hibridações e saídas contínuas do nível de equilíbrio.

<sup>20</sup> Faz-se aqui referência ao conceito proposto por Agamben, que se distanciando um pouco do conceito de Foucault, define dispositivo como “qualquer coisa que tenha de algum modo capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar modelar controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos”. Agamben G., *Che cos'è un dispositivo*, 2006, Roma, Nottetempo edizioni.

A assunção de uma perspectiva não humana, considerada um paradoxo pelo pensamento humanista ocidental, resulta, ao contrário, comum em contextos não-europeus. Eduardo Viveiros de Castro nos conta que, no perspectivismo cosmológico ameríndio não existe uma supremacia do elemento humano sobre os animais e que eles, as plantas, as coisas, também possuem a condição de “gente” e a de pessoas e que, cada espécie, cada coisa, tem o seu “predador e a sua onça respectivos”. O mundo, nesta perspectiva não ocidental, toma a forma do olho que o vê, condição que determina a existência, ao lado do mundo visto pelos humanos, do mundo visto pelo pássaro, pela cobra e pelos demais animais, possibilitando, assim, a passagem do multiculturalismo ocidental, ou seja, é da perspectiva da existência de uma única natureza e de diversas culturas, para um multinaturalismo, onde se tornaria possível a existência de mais mundos observáveis a partir de olhares oriundos de diversas naturezas. O olhar de uma onça, de um pássaro, de um peixe ou de uma cobra, enquanto, seu modo “humano”, também constitui a pluralidade da natureza que passa a ter tantas versões quantos os olhos que a vê.

Cada espécie está, portanto, na cultura na posição em que os humanos (isto é, os humanos dos humanos) se vêem em relação ao restante do cosmos. (...) Esta divergência perspectiva da espécie é frequentemente atribuída á qualidade dos olhos que cada espécie possui. Os Ye'kuana da Venezuela dizem que cada povo tem seus próprios olhos... gente (humanos) não consegue entender as sucuris porque elas tem olhos diferentes. (VIVEIROS DE CASTRO, 2011, p. 89).

Se no perspectivismo ameríndio a sobreposição e a aquisição de diversos olhares é algo impossível, as tecnologias e os processos de digitalização estão hoje nos permitindo este tipo de transplante, nos dando a possibilidade de ver o mundo com os olhos da floresta, através dos sistemas de geo-localização, com os olhos da baleias, por meio dos dispositivos de rastreamentos de suas deslocções, com os olhos da camada de gelo do Antártida etc. Estas mutações nos puxam para um devir animal, planta, mas também coisa, circuito, redes, e em direção a uma mudança na nossa natureza humana, transferindo-a em outras naturezas.

Esta perspectiva nos mostra a impossibilidade da permanência de uma condição habitativa frontal e perspéctica. A esta, num contexto reticular, é substituída por uma ecologia conectiva, que eleva a condição habitativa em uma dimensão de transformação constitutiva dos membros que a compõem e a habitam, habitando-se, um ecossistema transorgânico reticular.

A dimensão ecológica do ato conectivo não se expressa, portanto, apenas em um sair do próprio nível de equilíbrio cognitivo, isto é, não se constitui apenas como um convite a uma mudança de interpretação ou da própria visão de mundo, pressuposto de cada

processo cognitivo ou de aprendizagem desde a maiêutica socrática. O ato conectivo a as interações ecológicas reticulares transformam a saída do próprio nível de equilíbrio cognitivo na saída do próprio nível perceptivo-sensorial e perspéctico-habitativo, constituindo-se, portanto, como um convite a uma hibridação não transitiva e como a construção de processos de humanização através das interações com dispositivos técnicos.

A ação reticular apresenta-se, enfim, como um conjunto de atos oriundos de diversas naturezas e como um convite a adquirir a nossa própria humanização mutante, a partir da nossa perda conectiva.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G., **Che cos'è un dispositivo**. Roma, Nottetempo edizioni, 2006.

BAUDRILLARD J. **Lo spirito del terrorismo**, Cortina Editore, Milano, 2002  
\_\_\_\_\_. **Il sistema degli oggetti**, Bompiani, Milano, 2003.

BENJAMIN W., **L'opera d'arte nell'epoca della sua reproducibilità técnica**, 1991, Einaudi, Torino

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**, Paz e terra, São Paulo, 2000.  
\_\_\_\_\_. **Communication Power**, 2009 Oxford University Press

DI FELICE, M. "Paysages post-urbain: la fin de l'expérience urbaine et le formes communicatives de l'habiter" em **Sociétés**, n.109 -2010/3 Paris  
\_\_\_\_\_. "Redes sociais digitais, epistemologias reticulares e a crise do antropomorfismo social" em **Revista USP** N. 92, Dezembro/Janeiro/Fevereiro 2011-2012

DI FELICE M., TORRES, J., YANAZE, L., **Redes digitais e sustentabilidade**, S. Paulo 2012, Annablume

DI FELICE M.,PIREDDU M., **Pos humanismo**, 2010 S. Paulo, Difusao Ed.

DI FELICE M.**Paesaggi post urbani** 2010, Milano, Bevivino editore.

DIMINISCU, D. (org.) "Les migrants connectés. T.I.C mobilités et migrations". In: **Reseaux.**, vol. 28 (159), 2010.

ECO, U., **L'opera Aperta**,Bompiani, Milano, 1962

FINLEY, M. I. **Politics in the ancient world**, 1983 *Cambridge University Press*

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo**, Martins fontes, S. Paulo, 2012 vol I.

HEIM, M., **The metaphysics of virtual reality**, 1993, Oxford University Press

LATOURET, B. **Politiques de la nature. Comment faire entrer les sciences en démocratie, Paris, La Découverte**, « Armillaire », 1999

\_\_\_\_\_. **Reassembling the social: an introduction to Actor-network theory**, Oxford ; New York, Oxford: University Press, 2005

LEROI-GOURHAN, A. **Ambiente e tecnica**, Jaca Book, Milano, 1994

LEVEQUE, C., **Ecologie**, 2001, Paris, Dunod

MAFFESOLI M. **Du nomadisme. Vagabondages initiatiques**, Librairie Generale Française, 1997

\_\_\_\_\_. **Matrimonium, petit traité d'écologie**. Paris: CNRS editions, 2010.

MEYROWITZ J. **No sense of place**, Oxford University Press, New York, 1985.

MORIN E., **Introduction à la pensée complexe**. Paris: Editions Du Seuil, 1990.

PARSONS T. **La struttura dell'azione sociale**, Il mulino, Bologna, 1987.

PERNIOLA M. **Transiti**, Cappelli, Roma, 1995.

\_\_\_\_\_. **O sex appeal do inorgânico**. S.Paulo Studio Nobel, 2005.

PUECH, M., **Homo sapiens technologicus**. Paris Le Pommier, 2008.

SERRES, M., **Le contrat Naturel**, éditions François Bourin, 1990.

SIMONDON, G., **Du mode d'existence des objets techniques**. Paris, Aubier, 2012.

VATTIMO G. **La società trasparente**, Garzanti, Milano, 1986.

VIVEIROS DE CASTRO, E., "O medo dos outros", **Revista da antropologia da USP**, 2011, v.54 n.2.

WEBER, M., **Economia e società**, Edizioni di Comunità, Milano, 1961.